

**O JORNALISMO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA E
ISOLAMENTO SOCIAL: A MATERIALIDADE AUDIOVISUAL DO “CANAL
CURTA!”**

Victor Faria dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho busca compreender quais foram as mudanças que a pandemia de covid-19 e suas consequências provocaram nas narrativas das matérias de Jornalismo Cultural. A partir da Análise da Materialidade Audiovisual, foram analisadas duas semanas de publicações de vídeos do “Canal Curta!” no youtube. Para estabelecer uma comparação entre o período anterior à pandemia e o momento configurado após o coronavírus, foram selecionados como eixo de análise uma semana de junho de 2019 e o mesmo período em 2020. Com o intuito de entender em que medida as pautas analisadas possuem assuntos artivistas, ou seja, baseados no tripé arte, política e ativismo social, considerou-se importante tecer comparações com um outro programa, já analisado em pesquisas anteriores com o mesmo método, que traz o “Artivismo” no nome. O conceito de Miatização e as formas culturais de Raymond Williams também foram essenciais para a elaboração da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Cultural; Pandemia de Covid-19; Narrativas Audiovisuais; Miatização; Canal Curta.

**CULTURAL JOURNALISM IN TIMES OF PANDEMIC AND SOCIAL
ISOLATION: THE AUDIOVISUAL MATERIALITY OF THE “CANAL
CURTA!”**

ABSTRACT

This essay aims at understanding the changes that the Covid-19 pandemic and its consequences caused in the narratives of the reports of Cultural Journalism. Based on the Analysis of Audiovisual Materiality methodology, two weeks of vídeo publications from “Canal Curta!” were researched on youtube. To establish a comparison between the period before the pandemic and the current moment, with the of coronavirus, a week of June 2019 and the same period in 2020 were selected as the axis of analysis. In order to know to what extend the analyzed reports have artivist themes, in other words, based on the tripod art, politics and social activism, it was considered important to make comparisons with another program, already studied in previous researches with the same method, that has “Artivism” in the name. The concept of mediatization and Raymond Williams cultural forms were also essential for the elaboration of the research.

KEYWORDS: Cultural Journalism; Covid-19 pandemic; Audiovisual Narratives; Mediatization; Canal Curta.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornalista pela mesma instituição. Integrante do NJA (Núcleo de Jornalismo e Audiovisual). Bolsista FAPEMIG. E-mail: victorfaria_p@outlook.com.

INTRODUÇÃO

“Setor cultural foi um dos mais afetados pela pandemia, diz pesquisa”, a manchete publicada no portal online da *Revista Exame*, em 30 de junho de 2020, apresenta dados que reforçam os prejuízos resultantes do cenário de isolamento social, medida adotada para evitar a proliferação do coronavírus, sobretudo para as áreas relacionadas à cultura. Dessa forma, foi identificado que “entre as organizações ligadas à cultura e à economia criativa, mais de 40% disseram ter registrado perda de receita entre 50% e 100% na pandemia” (EXAME, 2020)². Os prejuízos que muitas dessas organizações tiveram é um fato, por isso, os vários mercados inerentes a esse setor, ou estão tentando se reinventar para manter a relevância, ou estão completamente parados. Mas como o jornalismo que cobre as pautas culturais tem se movimentado neste momento?

Em um mundo online feito de *lives*³, há espaço para matérias e entrevistas editadas? O objetivo principal deste trabalho é entender como um canal de jornalismo cultural tem trabalhado em um período em que os lançamentos de filmes em salas de cinemas estão parados e novas estreias de espetáculos teatrais são indeterminadas, enfim várias pautas chave do jornalismo cultural não podem ser realizadas. Nesse setor, o mercado musical⁴ é o que tem seguido de maneira mais consistente, com os frequentes lançamentos de singles, álbuns e EPs nas plataformas de *streaming*⁵ e com as novas formas de apresentações, a partir das *lives* e até com o ressurgimento de shows *drive in*⁶. No entanto, esse não é necessariamente o cenário dos artistas independentes que trabalham com música.

Quais são as soluções encontradas para manter um canal de jornalismo cultural neste momento e quais são as temáticas tratadas nesses conteúdos? Há espaço para

² Disponível em: < <https://exame.com/casual/setor-cultural-foi-um-dos-mais-afetados-pela-pandemia-diz-pesquisa/>> Acesso em: 30 de out. de 2020.

³ Disponível em:< <https://exame.com/revista-exame/o-mundo-e-uma-live/>> Acesso em: 07/09/2020

⁴ Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/impacto-coronavirus-mercado-mundial-musica-eletronica/>> Acesso em: 07/09/2020

⁵ Forma tecnológica de transmitir dados pela internet, especialmente por áudio e vídeo, sem precisar baixar o conteúdo.

⁶ Quando o cliente pode obter um serviço sem sair do carro. Neste caso, a plateia do show fica dentro do carro.

pautas artistas em um momento que, além de tudo, o setor cultural também é desvalorizado pelas autoridades⁷?

Com o intuito de produzir essa investigação foi necessário analisar um objeto empírico. Considerando a característica de ter como principal ponto de abordagem o “jornalismo cultural”, o “Canal Curta!”, que além de ser exibido na TV, também disponibiliza vídeos em um canal no *youtube*, foi escolhido para ser observado a partir da Análise da Materialidade Audiovisual, metodologia desenvolvida no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (CNPq-UFJF). Para ter esse parâmetro de comparação tornou-se importante estabelecer como recorte para essa análise, duas semanas de publicações de vídeos no “Canal Curta!”. Sendo assim, foram selecionadas, a última semana de junho de 2019 (23/06-29/06) e o mesmo período de 2020 (21/06-27/06). Para não analisar o período inicial da pandemia, no qual as coisas estavam ainda mais confusas e indefinidas, optou-se por escolher o mês de junho, quando já poderia existir uma configuração de produção do trabalho um pouco mais estabelecida e adequada ao momento, selecionando um período centralizado entre o início da pandemia e o momento de realização deste artigo.

Além disso, para entender se esse canal aborda pautas “artistas”, ou seja, conteúdos que tragam temáticas artísticas, com cunho político e social, se fez necessário comparar essa análise com os resultados de um trabalho anterior, que visava analisar um programa que tinha o conceito “Artivismo”⁸ no nome.

Para elaboração deste artigo foi importante entender a relação entre comunicação e cultura apresentada por Barbero (2004). Os conceitos de cultura dominante, alternativa, opositora, residual e emergente, presentes no livro do Raymond Williams, “Cultura e Materialismo”, também foram relevantes para a elaboração e entendimento dessa pesquisa. Além disso, o conceito de “mídiatização” foi de extrema importância na construção deste trabalho, uma vez que permite compreender vários

⁷ Disponível em: < <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/perseguiacao-e-desmonte-da-cultura-e-a-arma-de-bolsonaro-contrapensamento-critico/> > Acesso em: 04/07/2019

⁸ Além de ser o nome de um programa, artivismo é um conceito. Apesar de possuir poucas discussões que abordam efetivamente o termo, o neologismo artivismo se vincula ao que é convencionalmente conhecido por arte ativista, arte engajada ou arte política. A proposta nesse artigo é alinhar essa compreensão preliminar do conceito aos resultados empíricos obtidos por meio da análise do programa Artivimo.

aspectos de comunicação que são inerentes ao momento social estabelecido, sobretudo, a partir da pandemia do coronavírus.

A RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E CULTURA

Desenvolver pesquisa sobre “jornalismo cultural” é abordar e estudar diretamente, “Comunicação e Cultura”. Barbero (2004) traduz a relação entre os dois conceitos pensando “cultura” de maneira ampla:

Esse é o cenário no qual se estabelecem hoje as relações entre comunicação e cultura: o da desestruturação das comunidades e da fragmentação da experiência, o da perda da autonomia do cultural e da mescla arbitrária das tradições, o da emergência de novas culturas que desafiam tanto a sistemas educativos incapazes de se encarregar do que os meios maciços significam e são culturalmente, como as políticas culturais dedicadas majoritariamente a difundir e conservar. (BARBERO, 2004, p. 210)

A comunicação influencia diretamente e resulta em novas formas culturais, mas essa relação entre os conceitos apresenta desafios na prática como discorre Barbero (2004) no trecho em recuo acima. Desafios esses que se intensificam com os meios de comunicação de massa e a indústria cultural. Nessa perspectiva, “a indústria cultural e as comunicações maciças são o nome dos novos processos de produção e circulação da cultura, que correspondem não só às inovações tecnológicas, mas à nova forma de sensibilidade”. (BARBERO, 2004, p. 219). Com os meios de comunicação de massa torna-se mais fácil interferir e criar experiências atingindo um número grande de indivíduos, é nesse momento que a mídia começa a construir o seu público, “seja substituindo a neutralidade da rua pela espetacularização televisiva dos rituais da política, seja desmaterializando a cultura e aliviando-a de sua espessura histórica mediante tecnologias” (BARBERO, 2004, p. 220). Essas tecnologias, que segundo o autor, propõem uma hiper-realidade e uma descontinuidade como hábitos que podem ser percebidos como dominantes.

A partir das considerações de Barbero (2004), entende-se que toda essa potencialidade do chamado *mass media* contribuiu para a construção de visões hegemônicas, permitindo assim identificar relações de poder. A comunicação apresenta um conjunto de ingredientes simbólicos e imaginários que influenciam no processo de formação de poder, inclusive do poder político. Contudo, essa rede de regência vai

muito além do campo político, já que “as mídias passaram a constituir um espaço-chave de condensação e intersecção da produção e do consumo cultural” (BARBERO, 2004, p. 229).

A indústria cultural acaba acelerando o processo de transformação da sociedade em mercado, interferindo também na arte, o que abre espaço para discorrer, sobre o que é chamado, de segundo sentido de “cultura”, trazendo para esse debate as definições de Raymond Williams sobre o termo.

Segundo o autor usamos a palavra cultura em dois sentidos: “para designar todo um modo de vida — os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado — os processos especiais de descoberta e esforço criativo” (WILLIAMS, 1958, p.2). O termo cultura apresenta grande complexidade, e até aqui ele se referia mais a esse primeiro sentido, de cultura como “modo de vida”. No entanto, a segunda classificação é extremamente necessária para identificar a cultura como pauta na mídia, uma vez que o “jornalismo cultural” tende a ocupar um espaço que também prioriza entender, divulgar e discorrer sobre trabalhos artísticos (PIZA, 2004), que são desenvolvidos a partir de descobertas e propostas criativas.

A Indústria Cultural tem grande ingerência também nesse segundo sentido de cultura, proposto por Williams, que engloba as artes e o esforço criativo. Para entender esse aspecto, torna-se interessante lançar luz para outros questionamentos presentes no texto de Barbero (2004), considerando que ao elencar a integridade da arte, quando essa se faz presente em um processo de comunicação, o autor ainda apresenta as ideias de Walter Benjamin, essencial na conversa sobre a atrofia da aura, consequência da reprodutibilidade técnica inerente a Indústria Cultural. Em certa medida, o discurso de Benjamin, que é apresentado rapidamente por Barbero (2004), evidencia a perda de subjetividade e individualidade das obras artísticas, que passam a explorar a tecnicidade, culminando na promoção de propostas culturais/artísticas cada vez mais genéricas que, portanto, só não ocorre dessa maneira, segundo o mesmo autor, quando não passam por nenhum processo de comunicação. Considerando que o Jornalismo Cultural é um processo de comunicação, ele poderia contribuir, assim, para fortalecer a produção de conteúdos artísticos culturais genéricos direcionados apenas ao mercado capitalista?

Ainda que o objetivo principal deste artigo não seja responder essa pergunta, é importante salientar que alguns poucos autores debruçam seus estudos para entender o que seria exatamente o jornalismo cultural e porque ele vem perdendo o seu espaço ao longo dos anos, debate que se relaciona diretamente com essa questão acima.

COMO O JORNALISMO CULTURAL TENDE A SER PAUTADO?

Para compreender esse segmento do jornalismo é importante saber o que aparece nos noticiários e programas que são classificados dentro dessa categoria jornalística. Abordando esse assunto, diversos autores tecem críticas ao teor das temáticas que são designadas nessa seção. Gadine (2004), citado por Lopez e Freire, defende que o jornalismo cultural precisa investir em pautas que ofereçam assuntos culturais capazes de provocar reflexões e agregar conhecimento ao ser humano. Ao debater sobre isso, Faro (2006) converge com Gadine e lança luz ao discurso de que certas pautas culturais são selecionadas devido aos interesses econômicos e empresariais por parte do canal de comunicação que veicula a matéria (FARO, 2006, p. 148). Sendo assim, o autor observa que existem duas hipóteses em que se dá esse segmento jornalístico:

Na primeira hipótese, o jornalismo cultural conservaria em suas características fundamentais uma dinâmica estabelecida a partir de demandas estético-conceituais ou ético-políticas que dizem respeito ao ordenamento institucional e às formulações acadêmicas produzidas na sociedade. Na segunda, seus condicionamentos seriam os da cultura de massa: uma produção mercantil voltada para o simples entretenimento, desprovida daquele compromisso com a conversação crítica de seu público. (FARO, 2006, p.147)

Discorrendo especialmente sobre os veículos televisivos, portanto, audiovisuais, Temer e Nunes (2014) ainda criticam a substituição do jornalismo cultural por conteúdos populares e por vezes até grotescos, uma remodelação que, para as autoras, é inerente a popularização do acesso à veículos televisivos.

A partir do que foi visto acima, percebe-se que ao longo das últimas décadas, os meios hegemônicos acabaram por transformar, em certa medida, o jornalismo cultural em apenas entretenimento. No entanto, no decorrer desses anos houve um movimento – a midiaticização – capaz de provocar mudanças culturais e sociais. Será que essas mudanças também interferiram de alguma forma na produção do jornalismo cultural?

UMA SOCIEDADE MUDIATIZADA EM ISOLAMENTO SOCIAL

Com uma sociedade cada vez mais midiaticizada, os cidadãos estão inseridos em um momento de transformação do consumo dos conteúdos comunicativos. Assim como as possibilidades para os produtores de informação e conteúdo também estão mais diversificadas (FERRARI, 2016).

Surgindo como quadro teórico que busca reconsiderar questões sobre a influência da mídia na cultura e na sociedade, a “mudiaticização” é um processo que enfatiza que a mídia se transformou em uma instituição semi-independente na sociedade, capaz de influir em vários campos institucionais de diversas maneiras, como aponta Hjarvard (2012).

A sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais. Nestas circunstâncias, nossa tarefa, em vez disso, é tentar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta à onipresença da mídia. [...] A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua. (HJARVARD, 2012, p. 52)

Muito ligado aos avanços tecnológicos, o conceito de mudiaticização vai muito além desse aspecto, como expõem Hjarvard (2012) ao apresentar as ideias do sociólogo Jhon B Thompson (1990, 1995), que acredita que a mudiaticização é uma parte integral do desenvolvimento da sociedade moderna. Para Thompson (1995), a comunicação mediada provoca alterações em aspectos decisivos da relação entre emissor e receptor, a mudiaticização e suas consequências culturais acabam por resultar na eclosão de organizações de veículos midiáticos nacionais e globais, contribuindo para que a produção e distribuição de produtos simbólicos por parte dessas corporações mudassem “os fluxos de comunicação na sociedade, tanto entre instituições quanto entre instituições e indivíduos”. (HJARVARD, 2012, p. 59)

A compreensão do conceito de mudiaticização aqui apresentado mostra uma forte relação com o momento de transformação vivenciado pela sociedade em escala global no ano de 2020. No contexto atual, o isolamento social parece até acelerar e evidenciar a sociedade mudiaticizada, que faz parte da rotina de muitos indivíduos em todo o mundo.

É o que se percebe em um trecho citado por Hjarvard (2012) ao apontar o papel dos meios de comunicação como instituição que altera a interação humana.

Em primeiro lugar, eles estendem as possibilidades de comunicação humana tanto no tempo quanto no espaço; em segundo, substituem as atividades sociais que anteriormente ocorriam face a face. [...] Em terceiro lugar, os meios de comunicação incentivam uma fusão de atividades; a comunicação pessoal se combina com a comunicação mediada e os meios de comunicação se infiltram na vida cotidiana. Finalmente, os atores de diferentes setores têm que adaptar seu comportamento para acomodar as valorações, os formatos e as rotinas dos meios de comunicação. (HJARVARD, 2012, p. 59)

O trecho acima parece até descrever as interações sociais em um cenário de pandemia e isolamento social, no entanto se refere a sociedade midiaticizada antes desse momento em específico. O autor ainda reforça que o entendimento de “mídiação da sociedade” tem como significado um processo pelo qual a sociedade passa a depender da mídia e de sua lógica. Uma definição que também se articula com o momento pandêmico, já que obrigatoriamente muitas instituições necessitam inteiramente das tecnologias, dos meios midiáticos e de sua lógica para manter-se ativo.⁹

A sociedade midiaticizada permite que muitos processos ocorram ainda nesse momento, justamente porque a mídiação já é uma realidade cultural intrínseca a uma parcela significativa da população. O fato de muitas pessoas possuírem equipamentos tecnológicos avançados e conhecimento técnico, ainda que básico, permite, por exemplo, a existência do ensino remoto. Além disso, pode contribuir para que os próprios processos de comunicação ocorram, ponto que será abordado na análise deste trabalho. A partir das ideias de Hjarvard (2012), é possível ter a compreensão de que todos esses aspectos apontados são parte da sociedade midiaticizada.

AS FORMAS CULTURAIS DE RAYMOND WILLIAMS

As inovações tecnológicas e as características inerentes a uma sociedade midiaticizada contribuem, em certa medida, para que outros veículos, além daqueles já tradicionais, ganhem notoriedade, permitindo inclusive movimentos contra-

⁹ Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/tecnologia-uma-poderosa-aliada-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 19 de set. de 2020.

hegemônicos na comunicação (MORAES, 2013)¹⁰. Tendo como referência a obra de Grasci, Raymond Williams (2011) discorre sobre hegemonia no livro “Cultura e Materialismo”. No entanto, o autor considera que o conceito é mais complexo do que parece, já que a “hegemonia” não é única, pelo contrário ela é permeada por variação e contradição: “O que tenho em mente é o sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que organizados e vividos. É por isso que a hegemonia não pode ser entendida no plano da mera opinião ou manipulação” (WILLIAMS, 2011, p. 53). O autor ainda usa o termo “tradição seletiva” para se referir a homogeneização e a cultura dominante, já que sempre tudo passa pelo ponto chave da seleção. Williams (2011) acredita que existem significados e práticas que são escolhidos e enfatizados, em detrimentos de outros que são negligenciados, contribuindo para a construção da cultura dominante.

Segundo William (2011), por diversas vezes se esquecem de reconhecer os significados e valores alternativos, assim como as atitudes, opiniões e estudos que também seguem uma linha mais alternativa, porém esses posicionamentos costumam até “ser acomodados e tolerados dentro de uma determinada cultura efetiva e dominante” (WILLIAMS, 2011, p. 55). O autor acredita que, além da forma alternativa, existe uma postura opositora à cultura dominante, capaz de gerar maior incômodo para aqueles que se encontram nesse lugar de aparente “superioridade” na sociedade. “A existência de possibilidade de oposição e sua articulação, o seu grau de abertura, e assim por diante, mais uma vez dependem de forças sociais e políticas bastante precisas” (WILLIAMS, 2011, p. 56).

Indo além em sua classificação de formas culturais, Williams distingue que em ambas as culturas – alternativa e opositora – estão inseridas formas residuais e emergentes. O autor explica que entende residual como “algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais quanto sociais – de formações sociais anteriores” (WILLIAMS, 2011, p. 56). Essa forma residual, de traços que são resultados de culturas passadas, muitas vezes são

¹⁰ Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/02/27/o-papel-e-os-desafios-da-comunicacao-contra-hegemonica-em-rede/> Acesso em: 20 de set. de 2020.

incorporadas à cultura dominante, o que segundo o autor, pode ser até uma estratégia para aderir essa cultura que majoritariamente é também uma visão de mundo, como parte do domínio. Em certa medida, essa tentativa de incorporação, também ocorre com a cultura “emergente”, classificada por Williams (2011) como novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências que estão sendo continuamente criadas. Cabe aqui refletir e relacionar, que vários hábitos que surgem a partir da sociedade midiaticizada podem ter potencial cultural emergente, uma vez que acrescentam novas experiências, sentidos e práticas à vida das pessoas. Sendo assim, características ligadas ao universo da midiaticização podem estar presentes tanto em manifestações da cultura dominante quanto da opositora ou alternativa. Ou seja, instituições com diferentes objetivos, também culturais, podem se apropriar desses meios emergentes para traduzir e disseminar as suas ideias.

Cabe também ressaltar a importância da utilização desses recursos, inerentes a midiaticização, por parte dos indivíduos mais alinhados às ideias opositoras, para que essas visões estejam em circulação em veículos comunicativos, por exemplo. Essa é uma forma de se colocar como um ponto de oposição, uma vez que segundo Williams (2011), de fato os modos de dominação possam selecionar e conseqüentemente excluir “parte da gama total da prática humana real e possível. As dificuldades da prática humana fora ou em oposição ao modo dominante são, obviamente, reais” (WILLIAMS, 2011, p. 59). Esse caráter seletivo da cultura dominante acaba por submeter uma parcela da população, majoritariamente, a práticas que estão dentro de seus interesses. Sendo assim, “haverá áreas da prática e do significado que a cultura dominante, quase sempre devido ao seu próprio caráter limitado ou à sua deformação profunda, não será capaz, sob qualquer circunstância, de reconhecer” (WILLIAMS, 2011, p. 60).

Para exemplificar esse ponto, o autor alinha as ideias a partir de propostas do sentido de cultura na perspectiva ligada à arte e à criatividade, mais especificamente à “literatura”. Por mais que os textos literários sejam vistos por muitas culturas dominantes como um elemento importante e respeitado, também é, em diversas circunstâncias, elencado como alternativo, já que em uma sociedade capitalista, a literatura é vista como uma atividade pouco rentável. Mas qual será o comportamento

quando a literatura apresenta uma postura explícita de oposição? Segundo o autor, neste caso, certamente o conteúdo artístico sofrerá ataques por parte da cultura dominante:

As artes da escrita e as artes de criação e de representação são, em todo o seu leque, parte do processo cultural em todos os modos e setores diversos que estou tentando descrever. Elas contribuem para a cultura dominante efetiva são uma dentre suas articulações centrais. Elas encarnam significados e valores residuais, nem todos eles incorporados, embora muitos sejam. Elas também expressam, significativamente, algumas práticas e significados emergentes, embora alguns dentre eles venham a ser eventualmente incorporados ao atingir as pessoas e começarem a movê-las (WILLIAMS, 2011, p. 62).

Para amarrar os pontos apresentados até aqui, é importante compreender que as culturas artísticas apresentam formas residuais e emergentes, que podem se manifestar de maneira dominante, alternativa ou opositora. Um dos pontos chave deste trabalho seria justamente relacionar essas ideias com os conteúdos pautados pelo “Jornalismo Cultural”. Como é apresentado por Williams (2011), ao longo dos anos foram surgindo teorias que estudam a obra de arte como objeto, sendo capaz de provocar efeitos e impactos nos indivíduos. Contudo, o autor acredita que “a relação entre a feitura de uma obra de arte e sua recepção é sempre ativa e sujeita a convenções que são, elas mesmas, formas (em transformação) de organização social e de relacionamento, algo radicalmente distinto da produção e consumo de um objeto” (WILLIAMS, 2011, p. 65). Considerando todos os questionamentos, processos e consequências levantados acerca da “obra de arte”, cabe entender como ela é abordada em veículos comunicativos, neste caso em específico no “Canal Curta!” de Jornalismo Cultural.

ANÁLISE DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL: O CANAL CURTA SOB INVESTIGAÇÃO

Na parte analítica deste trabalho a proposta é compreender como o “Canal Curta”, que aborda jornalismo cultural, tem utilizado as narrativas audiovisuais e quais recursos foram usados para produzir conteúdo neste momento de pandemia e isolamento social. Para obter esses resultados torna-se necessário estabelecer uma comparação com os mesmos aspectos, em um período normal, sem isolamento social e sem coronavírus. Sendo assim, a análise realizada tem como recorte a última semana completa de junho de 2020 (21/06 – 27/06), tendo como parâmetro de comparação o

mesmo período de recorte em 2019 (23/06 – 29/06), resultando em duas semanas de análise dos conteúdos publicados no *youtube* do “Canal Curta”. A metodologia utilizada para estabelecer resultados sobre esses aspectos é a “Análise da Materialidade Audiovisual”. Desenvolvido pela professora Iluska Coutinho, no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (CNPq-UFJF), o método foi eleito, principalmente, por se mostrar capaz de associar o fazer científico das especificidades dos produtos audiovisuais, em suas etapas de feitura e circulação. Verifica-se assim uma determinada “unidade”, que engloba a somatória de texto, som, imagem, tempo e edição

Ainda para discorrer sobre as temáticas, e entender se existe, em alguma medida, um posicionamento ativista a partir das pautas tratadas, será feita uma segunda comparação. Desta vez, entre os resultados alcançados a partir da “Análise da Materialidade Audiovisual” desses conteúdos, em comparação à um trabalho anterior, no qual a mesma metodologia foi utilizada para investigar o programa “Artivismo”, que possui o conceito e a promessa de trazer uma abordagem sobre arte, política e ativismo social no próprio nome. Será que mesmo o “Canal Curta!”, que não tem essa ideia como enfoque principal, também engloba esse tipo de pauta em seus conteúdos? Em que medida isso acontece?

O “Canal Curta!” é exibido na TV e tem conteúdos publicados na plataforma de vídeo do *youtube*. Ao convidar o público para assistir jornalismo cultural, o canal independente diz oferecer conteúdos relacionados às artes, cultura e humanidades, abordando música, cinema, dança, teatro, artes visuais, história, filosofia, literatura, além de tocar em pontos que envolvem psicologia, política e sociedade. O “Canal Curta!” “acolhe a experimentação e se orgulha de ser um parceiro dos realizadores, artistas e criadores. Seu compromisso é transmitir ao menos 12 horas por dia da melhor programação brasileira, assim como programação estrangeira de qualidade”, refere o texto retirado do site do canal.¹¹

A análise começa com a investigação da primeira semana selecionada como recorte, que se inicia no dia 23 de junho de 2019 e termina em 29 do mesmo mês. É importante reforçar que em alguns dias, dentro desse período, não foram colocadas publicações.

¹¹ Disponível em: <<https://canalcurta.tv.br/>> Acesso em: 01 de Out de 2010.

- MASP apresenta coleção de tecidos pré-colombianos – 03:16 – 25/06/19¹²

O vídeo começa com imagens de tecidos sendo exibidas e com uma música instrumental ao fundo (que permanece até o final do vídeo), até que ainda nos primeiros segundos já entra a sonora da fonte, Marcia Curi, creditada como “curadora do MASP”. Enquadrada em meio primeiro plano, a mulher fala olhando diretamente para a câmera, possuindo um microfone de lapela em sua blusa para captar o áudio. Ao longo de todo o vídeo ocorrem variações entre a imagem da entrevista e as imagens de tecidos que fazem parte da exposição. Essas imagens dos tecidos são exibidas enquanto a fala que está em *off*¹³, faz um retrospecto histórico para explicar a origem das peças. Ela conta como eram feitos os tecidos e quem os fazia. Um pouco após a metade do vídeo entra um GC informando quando a exposição se encerra. Em sua fala final, Márcia destaca que essa exposição é uma oportunidade para as pessoas conhecerem, através dos tecidos, a história do seu continente e dos seus antepassados. A última tela mostra que esse vídeo é uma parceria entre o MASP e o “Curta!”.

Na descrição do vídeo segue um texto que explica o contexto da matéria: “O MASP expõe tecidos encontrados em sítios arqueológicos localizados nas regiões mais áridas da costa pacífica dos Andes”.

- Mostra no CCBB reúne Clássicos de Robert de Niro – 02:36 – 26/06/19¹⁴

Na descrição do vídeo encontra-se a informação que especifica sobre o que se trata o vídeo, “A Mostra de Niro” apresenta uma seleção com 18 filmes marcantes na carreira do ator. O vídeo começa com imagens em preto e branco, o GC¹⁵ explica que se trata do filme, “Touro Indomável”. Em seguida, no que parece ser um estúdio, o produtor da “Mostra De Niro”, Fábio Savino fala sobre a proposta do evento e sobre a

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUvjmzdUnXA>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

¹³ Texto gravado para cobrir imagens. O texto está em *off* quando a pessoa não aparece na tela.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=79ZiEjEMgDs>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

¹⁵ GC ou Gerador de Caracteres, também chamado de barra de informação, funcionam como uma espécie de legenda que aparece em telejornais e programas, para colocar o nome/local de quem está falando, ou para adicionar informações ao que está sendo exibido. Ele pode ser animado ou fixo.

trajetória do ator Robert de Niro. Algumas imagens são exibidas com a fala da entrevista em *off* e assim como no início, trechos de cenas de outros filmes do ator homenageado, aparecem ao longo do vídeo. Savino explica que o objetivo do projeto, era passar a diversidade e a multiplicidade do trabalho do artista. Ainda relata que o ator aparece em um momento de reinvenção do cinema americano, após a Segunda Guerra Mundial, quando surgem novas temáticas. O enquadramento, com fundo preto e iluminação destacada em azul, varia entre um “meio primeiro plano” (MPP)¹⁶ e um “primeiro plano”(PP)¹⁷. Ao final do vídeo um GC mostra as datas e os locais em que a “Mostra” acontecerá. A última tela indica que esse vídeo faz parte da divulgação de agenda que o canal se propõe a fazer.



FIGURA 1: Reprodução “Canal Curta!” FIGURA 2: Reprodução “Canal Curta!”

- Literatura e apropriação no século XXI - 02:46 - 27/06/19¹⁸

O vídeo começa com um BG¹⁹ instrumental e com imagens da capa do livro, que é o tema do conteúdo. Ainda em *off*, o escritor e pesquisador, Leonardo Villa-Forte (FIG. 1) fala sobre a sua obra literária (FIG. 2), como especificado na descrição, “ele fala sobre o seu novo livro e explica o que é literatura de apropriação”. Villa-Forte aparece no mesmo enquadramento e iluminação descrito no vídeo anterior. Ao longo do vídeo o entrevistado fala sobre a construção de uma obra de arte, a partir de trechos de outras obras, princípio utilizado em seus livros, mas que segundo ele, também ocorre na música com o “remix” e em outros setores da cultura. O escritor explica que tenta

¹⁶ A pessoa é enquadrada da cintura para cima.

¹⁷ A pessoa é enquadrada do peito para cima.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=INDsPOKURdW>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

¹⁹ São sons, desde barulhos e vozes até rádio e música, ouvido em segundo plano em um ambiente específico. Ou seja, que não é o foco principal de um produto.

aproximar a literatura de outros meios artísticos que usam esse tipo de procedimento. Diferentes transições de vídeo são utilizadas entre uma imagem e outra que cobre a fala do entrevistado. Ao final, uma vinheta de encerramento exibe a logo “curta livros”, mostrando que esse vídeo faz parte de uma espécie de quadro sobre livros dentro do canal.

- BayanaSystem lança álbum “O Futuro não demora” - 04:50 - 28/06/2019²⁰

No início é exibido um videoclipe com a música “fogo” do grupo musical BayanaSystem. Primeiro entrevistado, o cantor e compositor, Russo Passapusso, aparece enquadrado em meio primeiro plano para falar sobre o novo álbum, intitulado “O futuro não demora”. O artista comenta que o processo começa a partir das pesquisas do grupo na Ilha de Itaparica, mergulhando na diáspora e na ancestralidade, assim as histórias são construídas e cantadas nas canções. Para contar as histórias que perpassam esse lançamento, outro músico, Beto Barreto (FIG. 3), também é entrevistado pelo “Canal Curta”. Ele elenca as diferenças entre esse projeto e o álbum anterior, uma vez que o grupo vinha de um trabalho que tinha um caráter mais urbano nas músicas. Após esse relato, imagens de shows do grupo (FIG. 4) e outras cenas que complementam o assunto, são exibidas em preto e branco. Em suas falas, ambos entrevistados, destacam a “Bandeira dos processos colaborativos”, já que o álbum foi construído em colaboração com diversas pessoas, desde músicos e jovens parceiros até pesquisadores e antropólogos, o que influenciou no resultado final no trabalho. Eles ainda falam sobre a luta pelo comportamento musical inserido pelo grupo e a importância de unir forças musicais com outros países da América Latina. Em seguida, Passapusso fala sobre a relação de troca com o público, que estabelece um processo de aprendizagem mútua. O vídeo encerra com o clipe de “Alfazema”, seguido pela vinheta *neon* do “Curta Música”.

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bDcZrm0mmN8>. Acesso: 2 de Out. de 2020.



FIGURA 1: Reprodução “Canal Curta!”

FIGURA 2: Reprodução “Canal Curta!”

No período de recorte em análise de 2019, percebe-se que existe uma narrativa que mescla imagem, BG e entrevista em todos os vídeos, um padrão já estabelecido. Não existe nenhuma espécie de apresentador ou algum *off* feito pelo “Canal Curta!” para introduzir os assuntos que são abordados em cada conteúdo. Na interface da plataforma de vídeo da web, o que acaba fazendo o papel de introduzir a temática, além do próprio título do vídeo, é a descrição que aparece no *youtube*, que por vezes apresenta informações que nem estão nos vídeos. Como no caso deste último, que cita os artistas que colaboram com a construção do álbum, que não são nomeados na entrevista.

Percebe-se que há uma série de quadros dentro do canal de vídeo no *youtube* que parece abordar as diversas vertentes de culturas artísticas. Nos quatro vídeos publicados em uma semana de junho de 2019, exposição, literatura, cinema e música são os temas tratados, organizados dentro de quadros que comportam cada um desses assuntos. As próprias *playlists* do canal indicam essa divisão.

Mas como será que tudo isso se configurou em um cenário de isolamento social e pandemia? As análises a seguir discorrem sobre os vídeos publicados entre 21 e 27 de junho de 2020.

- Ney Matogrosso: liberdade, infância e influências – 03:31- 22/06/20²¹

Imagens de uma performance do Ney Matogrosso (FIG. 6) aparecem logo no início do vídeo. No vídeo, o cantor veste um macacão dourado que o cobre dos pés à cabeça. Como está escrito na descrição, o artista fala ao longo do vídeo sobre a criação do seu atual trabalho, o DVD “Bloco na rua”, além dos pontos referenciados no título

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJnJwJBsPyo>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

do vídeo que se relacionam com a sua vida pessoal. A entrevista é filmada com duas câmeras, em dois ângulos (FIG. 5). Logo no primeiro momento da entrevista, o artista que veste uma camisa branca com uma coruja ilustrada, se mostra sorridente ao comentar sobre a importância da palavra na construção do seu repertório. Em seguida, ele comenta sobre as músicas que escutava na infância por conta do seu pai, até o momento em que começou a escolher os seus próprios artistas preferidos, citando Caetano, Mutantes, Gilberto Gil e Gal Costa como referências. Ele ainda explica as escolhas feitas no processo criativo do DVD, que tinha como foco ser coerente. Apesar de ter sido gravado em 2019, quando ainda não existia pandemia, o artista escolheu fazer o trabalho sem plateia, priorizando imagens mais intimistas e “a invasão das câmeras dentro da cena”, como comenta o próprio. As imagens do DVD são utilizadas para cobrir a entrevista, sendo que o conteúdo encerra com a música “coração civil”, de Fernando Brant e Milton Nascimento. Ao final do vídeo, entra a vinheta do “Curta! Música”.



FIGURA 5: Reprodução “Canal Curta!”



FIGURA 6: Reprodução “Canal Curta!”

- Deborah Colker comenta espetáculo gratuito na internet – 02:58 – 23/06/20²²

A descrição do vídeo informa que a coreógrafa Deborah Colker irá comentar ao longo do vídeo sobre as ideias que serviram de base para o espetáculo “Cão sem Plumas”. A sinopse e a ficha técnica do espetáculo também se encontram na descrição. O vídeo começa com imagens do espetáculo, exibindo um artista no centro do palco fazendo uma coreografia. A iluminação inicia apenas com um foco de luz, em seguida

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDZwdhIwH0w>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

outros artistas surgem coreografando o som instrumental que está ao fundo. Quando chega aos 22 segundos do vídeo, a entrevistada aparece na tela, desta vez em uma gravação que parece ter sido feita por ela própria (FIG. 7). No decorrer do vídeo ela discorre que o espetáculo é inspirado em um poema de João Cabral de Melo Neto que apresenta algumas críticas universais; “Ele fala do Ribeirinho, mas ele está falando sobre todos que vivem à margem, sobre todos os excluídos. Um poema sobre o descaso à natureza, à água, às pessoas”. Colker ainda conta que a proposta era unir quatro linguagens para dançar essa história. Além da dança, ela trouxe o cinema, a música e a poesia em uma só obra, que possui diversos artistas pernambucanos no elenco. Enquanto ela exhibe uma fala inspiradora de forma entusiasmada sobre a construção do espetáculo, as imagens exibidas reforçam a mesma ideia. Diferente da imagem inicial, agora outros elementos entram em cena, como as imagens em preto e branco que aparecem no telão ao fundo e as estruturas de madeira (FIG. 8). Ao final da entrevista, ela informa que o vídeo do espetáculo está disponível na íntegra na plataforma do *youtube*. A vinheta de encerramento mostra a segmentação do vídeo na *playlist* “Curta! Dança”.



FIGURA 7: Reprodução “Canal Curta!”



FIGURA 8: Reprodução “Canal Curta!”

- Podcast “Matéria Bruta” | Eloá Chouzal – SOS Cinemateca Brasileira – 09:58 – 24/06/20²³

Essa publicação é um *podcast*, portanto não há vídeo, apenas o som e uma imagem estática, uma arte que mostra a Cinemateca, além de textos descritos, “Matéria

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KfrxUe7bA04>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

Bruta” e “S.O.S Cinemateca”. O conteúdo apresenta como fonte a historiadora Eloá Chouzal, para falar sobre a importância da Cinemateca Brasileira e da preservação da memória do cinema, em um momento em que a instituição vem sofrendo cortes devido à crise política e econômica que assola o país. Ela conta sobre a campanha de *crowdfunding* (financiamento coletivo) que foi lançada para manter os funcionários da Cinemateca. Apenas a voz da historiadora aparece durante quase todo o *podcast*, mas no final entra a voz de uma representante do “Canal Curta!”, que faz uma espécie de nota sobre a matéria, além de dar os créditos aos profissionais que construíram o conteúdo, um encerramento bem característico das mídias sonoras em geral.

- Grupo Estação pede ajuda em Vaquinha Virtual – 01:39 – 24/06/20²⁴

O vídeo começa com o texto “Continua Meu, Estação” em destaque. Em seguida, creditada como “Sócia do Estação”, Adriana Rattes fala sobre as dificuldades de manter um cinema, em meio a uma pandemia, sendo assim, ela divulga a campanha de financiamento coletivo que está sendo organizada para manter o espaço. O vídeo parece ter sido gravado de forma amadora, utilizando uma *webcam*. Imagens do site da campanha cobrem a fala da entrevistada, nesse momento são exibidos os benefícios que se pode ter colaborando com o projeto, o que inclui ingresso para diversas atividades culturais e presentes como livros e filmes.

- Conheça Frida mais de perto – 00:30 – 25/06/20²⁵

O vídeo de 30 segundos é uma divulgação de um documentário sobre a vida de Frida Kahlo. Imagens em fotos e vídeos mostram a artista, enquanto uma voz em *off* faz uma espécie de propaganda sobre o documentário: “Conheça Frida mais de perto, dos amores as obras. “A casa azul de Frida Kahlo”, alugue no tamanduá.tv.br”.

- Curta! Apoia: Continua, Meu Estação – 02:38 – 26/06/20²⁶

Esse é o segundo vídeo exibido na mesma semana em apoio ao “Estação NET de Cinema”. Com *letters* no vídeo, é feito um agradecimento aos patrocinadores que estão

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KfrxUe7bA04>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Odw01JTcgAo>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kUJW3HkbaM>. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

ajudando na manutenção do espaço, além disso, o texto reforça que ainda é preciso ter outras pessoas ajudando, por isso uma campanha de financiamento coletivo foi criada. Em seguida, são exibidos vídeos de artistas, produtores e diretores, gravados de forma amadora direto de suas casas, destacando a importância cultural desse cinema. Nomes como Wagner Moura, Lázaro Ramos, Cacá Diegues, Tônico Pereira, Ângela Vieira entre outros, falam sobre a relação com esse espaço cultural e declaram apoio à campanha que está sendo realizada.

- Curta! Artista independente – Luana Melo - 00:25 – 27/06/20²⁷

Com instrumental ao fundo e imagens das obras no vídeo, o “Canal Curta” divulga o trabalho da artista independente, Luana Melo. As imagens mostram uma convergência entre figuras de santos, anjos e deuses, com imagens urbanas e atuais. Um exemplo é a obra que mostra uma Deusa e um anjo sentados na parte de cima de um ônibus urbano queimado. A obra que funciona a partir de uma colagem digital parece ter um intuito crítico, mas o vídeo não pretende desenvolver uma explicação sobre cada trabalho exibido, uma vez que apenas mostra as obras. Seis imagens são exibidas e ao final do vídeo aparece a foto da artista segurando um quadro, além disso os caracteres em branco, quase no centro do vídeo, mostra o @ da artista nas redes sociais.

Nesse período foram encontrados três vídeos a mais do que no mesmo período em 2019. Mas o que chama atenção é que aqui os conteúdos parecem não seguir um formato completamente padronizado. No primeiro vídeo percebe-se uma produção mais profissional em termo de qualidade de imagem e devido a utilização de duas câmeras, possibilitando troca de ângulos na edição, mas nos outros dois vídeos que possuem entrevistas, é possível notar, até pela qualidade das imagens, que a gravação foi feita pelo próprio entrevistado, seja com o uso da *webcam* ou do próprio celular. No entanto, o formato de edição com inserção de imagens cobrindo a entrevista e pequenos trechos da obra que se fala, intercalando ao longo do vídeo, segue da mesma forma. Inclusive essas inserções, permitem o acesso a obra de arte (a partir da reprodutibilidade técnica), assim é possível ter referências e informações que não estão na fala do entrevistado, que apresentam manifestações, que vem do corpo do artista, que podem ser importantes.

²⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0E_PsdmidTU. Acesso em: 2 de Out. de 2020.

Tem-se “essa indistinção do corpo como objeto e como ferramenta de trabalho” (FERREIRA, 2013, p. 80).

Cabe destacar também a publicação de um conteúdo de mídia sonora, mais especificamente um *podcast*, que é o conteúdo mais longo desta análise, e a utilização do espaço do canal para divulgação de uma campanha em apoio a uma instituição cultural, além de um vídeo indicando uma artista independente e a divulgação de um site que aluga documentários, o que não fica claro se é uma indicação espontânea ou uma propaganda.

A TEMÁTICA COMO PROTAGONISTA: AS DIFERENÇAS ENTRE AS PAUTAS DO “CANAL CURTA!” E DO PROGRAMA ARTIVISMO

Para realizar a segunda etapa comparativa do trabalho se torna importante apresentar os resultados obtidos com a “Análise da Materialidade Audiovisual” do programa Artivismo²⁸, sobretudo as respostas que estão relacionadas com as temáticas tratadas nas edições analisadas do programa em 2018.

É importante entender que no caso do Artivismo existe um programa, no qual vários vídeos são exibidos em cada edição, uma construção colaborativa com uma proposta de formato que é bem diferente do que foi verificado no “Canal Curta!”, na análise aqui estabelecida. Além disso, o número de edições, a quantidade de conteúdo no geral, em análise, foi muito maior já que se tratava de um trabalho de conclusão de curso. Porém, a ideia aqui é apresentar um parâmetro das temáticas tratadas para nortear e ajudar a classificar melhor as temáticas que aparecem nos vídeos publicados no *youtube* do “Canal Curta!”, nos dois períodos selecionados.

O trabalho realizado em 2018 encontra no Artivismo, um programa que tem a diversidade como a sua marca, seja na perspectiva das temáticas centrais dos vídeos, da representatividade, do formato ou até da variedade de modelos de obras artísticas que são pautadas ao longo de todos os programas analisados:

²⁸ Carregando o conceito no nome, o programa “Artivismo” é uma produção do Movimento Cria (MovCria), que foi exibido na TVT e na Rede Minas, além de ser publicado no canal da TVT no *youtube*. A proposta do “Artivismo” é uma produção de construção coletiva que só é possível quando a audiência assume a postura participativa. Tal participação se efetiva através do envio de vídeos que representam o caráter social, artístico e político do programa, ou seja, com abordagens que trazem temas como, atividades de movimentos sociais, ações comunitárias, estudantis ou produções artísticas.

Com relação às temáticas, o programa cumpre totalmente com o tripé proposto, que inclui arte, política e sociedade. Os números mostram que a arte aparece não só como ação, mas também como tema em todas as edições do programa que foram analisadas. Espaço Urbano é o segundo tema que mais apareceu totalizando 11 edições, seguido de gênero (10) e política (10), que assim como desigualdade social (9), racismo (8) e educação (8) são exibidos no programa através de diversos formatos e com diferentes perspectivas. É possível perceber a presença desses temas em entrevistas, depoimentos, videoclipes, nas poesias sociais dos slams e até na ideia em que o próprio produtor do conteúdo é o personagem, como por exemplo, no vídeo em que uma mulher explica a diferença entre os termos femismo, feminismo e machismo, no que parece ser um vídeo próprio do *youtube*. (FARIA, 2018, p.88)

Percebe-se que no caso do Artivismo a preocupação com a temática é central, o que se constitui em mola propulsora para realização do programa, mostrando que é possível construir um conteúdo audiovisual informativo, a partir da divulgação de trabalhos artísticos que abordam assuntos que são socialmente e politicamente relevantes.

O “Canal Curta!” não promete se ancorar nas temáticas, e a partir da análise dos dois períodos selecionados, em 2019 e 2020, percebe-se que o programa acaba pautando uma cultura, em certa medida, até mais elitizada, ou pelo menos trazendo artistas que já possuem destaque na mídia, diferente do “Artivismo” que costumava trazer artistas da periferia, que usam a arte para fazer denúncias sociais e políticas.

Os vídeos do “Canal Curta!” seguem uma abordagem de interesse mais técnico sobre a construção feita pelos artistas ao desenvolver e produzir suas obras. No vídeo publicado em 2019 com a entrevista dos integrantes do BayanaSystem, por exemplo, era possível abordar essas temáticas sociais e o discurso das músicas de uma forma mais intensa, já que essa preocupação com o discurso social e político nas letras e na própria atitude, está presente em diversos trabalhos do grupo²⁹. Então, esses assuntos poderiam ser questionados no decorrer da entrevista. No entanto, o fio condutor da pauta é o processo de construção do álbum, a partir de uma perspectiva mais técnica, o que também apresenta pontos positivos, já que as falas apresentadas trazem questionamentos interessantes sobre o contexto do cenário musical. O mesmo ocorre na entrevista com o Ney Matogrosso, uma figura extremamente representativa, que em

²⁹ Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/mais-atual-do-que-nunca-baianasystem-se-reconecta-musica-brasileira-e-prepara-o-contrataque/>. Acesso em: 22 de set de 2020.

entrevista ao “Canal Curta!” acaba tratando de pautas que não possuem um grande impacto social. Em ambos os casos, as imagens incluídas nos vídeos traduzem um pouco a representação social desses artistas, principalmente no caso das performances do Ney Matogrosso, que explora bastante a linguagem corporal. Como aponta Ferreira, “é o corpo que vai servir como objeto de intervenção artística e também como a própria ferramenta dessa intervenção” (FERREIRA, 2013, p.81), a autora ainda aponta essa intervenção como possibilidade de questionamento de ideologias dominantes, e é justamente isso que se reflete no caso do corpo em movimento nas imagens que cobrem as entrevistas. Esse ponto também é relevante na entrevista da Debóra Colker, mas aqui a fala da entrevistada e as imagens utilizadas na edição se complementam, já que ela traduz em sua fala as intenções do espetáculo, que aborda os excluídos e os problemas ambientais, ao mesmo tempo em que as imagens ajudam na construção desse discurso.

Assim, é importante destacar que nos vídeos exibidos na pandemia parece existir uma preocupação maior com os fatores sociais, sobretudo com os problemas que o próprio setor da cultura e os indivíduos que dependem dele vêm sofrendo nesse período. Sendo assim, dos sete vídeos analisados, seis têm ou podem ter alguma relação, mesmo que indireta, com o momento crítico vivenciado em 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste trabalho permite tecer considerações sobre o impacto do isolamento social na produção de jornalismo cultural. Comparando os períodos analisados de 2019 e 2020, fica evidente que as pautas tratadas acabam assumindo uma postura mais política e social nos vídeos de 2020, justamente para questionar e reconhecer que o setor precisa de apoio neste momento. No entanto, também se percebe que mesmo em 2019 as pautas factuais de eventos culturais (que poderiam possuir aglomeração) não eram uma prioridade. As entrevistas eram feitas pessoalmente, majoritariamente de forma individual, tanto que mesmo a entrevista publicada em 2020 com Ney Matogrosso, considerando a qualidade da imagem, parece ter sido feita pela equipe do “Curta!”. Diferente de outras entrevistas publicadas na mesma semana, que se apoiam no recurso do próprio entrevistado gravar a sua fala em resposta à pauta solicitada. Circunstância que possivelmente só se efetiva pelo fato de existir uma sociedade midiaticizada.

Apesar de algumas alterações que acabam interferindo na qualidade visual do produto, as narrativas padrões em que se configuram as produções do “Canal Curta!” se mantiveram, com entrevistas curtas e objetivas, sem muito aprofundamento nas temáticas, com as falas dos entrevistados sendo intercaladas por outros materiais audiovisuais que se relacionam com a entrevista e com imagens que cobrem a sonora, situando o espectador sobre o assunto tratado. Além disso, permanecem utilizando o background (BG) na maioria dos vídeos, o que contribui para direcionar o conteúdo para o “clima desejado”. Porém, a variação de ângulos dos entrevistados não é possível na maioria dos vídeos de 2020 analisados, já que a gravação acaba sendo mais amadora como foi apontado. Contudo, é interessante observar que eles mantiveram a produção de conteúdos editados, mesmo nesse cenário da pandemia em que as *lives* têm sido a prioridade de muitos canais de comunicação online.

Em 2020 fala-se nos conteúdos sobre a crise do setor cultural e de um espetáculo disponibilizado *online* gratuitamente, que toca em pontos socialmente e politicamente importantes, embora não sejam tratados de forma muito explícita. Ou seja, mesmo quando a pauta apresenta e cita pontos que convergem com o viés ativista, as entrevistas não exploram muito o assunto. Diferente disso, o programa “Artivismo” traz entrevistas bem diretas ao abordar a relação da arte com temas intrínsecos à sociedade e a política. Sendo assim, pode-se dizer que o “Canal Curta!” estaria mais ancorado na cultura alternativa, na perspectiva de Raymond Williams, já que é um canal independente, fora dos veículos hegemônicos de comunicação, que se apresenta como uma alternativa à audiência para que ela possa acompanhar jornalismo cultural, mas que, no entanto, não confronta culturas dominantes. Já o “Artivismo” poderia ser emoldurado como cultura “opositora”, uma vez que além de ser um programa produzido por um coletivo independente, apresenta pautas que confrontam diretamente a cultura dominante, podendo incomodar quem se encontra em um lugar de “superioridade”.

Deste modo, é possível e é preciso falar do setor cultural em meio a uma pandemia. Ainda que algumas adaptações sejam necessárias, o “Canal Curta!” vem conseguindo manter as suas produções, olhando especificamente para o recorte analisado, é possível dizer até que aumentou o número de vídeos produzidos. O canal está atento ao momento vivenciado pela sociedade e as dificuldades que o setor cultural

está enfrentando. Mesmo que não apresentem uma visão muito crítica, até porque isso também dependeria dos entrevistados, os vídeos passam nesse momento a assumir uma posição que pode ser politicamente e socialmente mais relevante, uma vez que assumem a responsabilidade de divulgar conteúdos que mostram a situação do setor cultural em meio a uma pandemia com isolamento social.

REFERÊNCIAS

- CHAIA, Miguel. **Artivismo: Política e Arte Hoje**. São Paulo: Aurora, 2007.
- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível, 2016.
- FARIA, Victor. **Olhares para o Artivismo e a diversidade dentro da tela: a inovação de linguagem e o conteúdo colaborativo na TV Pública**. 2018. 113f. Monografia - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- FARO, José. Dimensão e prática do jornalismo cultural. **Revista Fronteira – Estudos Midiáticos**. São Leopoldo: Unisinos, jan/abr 2009, v.11, n.1, p. 54 - 62.
- FERRARI, Pollyana. **Comunicação Digital na Era da Participação**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. 210 p.
- FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. In: **REDISCO**. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013
- HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In **Matrizes**, Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012.
- INTERCOM, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, São Paulo. Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99945753851980735137884571481134101142.pdf>. Acesso em: 29 de Set. de 2020.
- LOPES, Débora; FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz**. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>. Acesso: 30 de Set. de 2018.
- MARTIN-BABERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. pp.43-205 e pp.207-381.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TEMER, Ana Carolina, NUNES, Mônica. Conteúdos culturais do telejornalismo e a presença das mulheres jornalistas. **Rumores**, n.16, v.8, Jul-Dez, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Bauru: Editora Unesp, 2011. 408p.

WILLIAMS, R. **A cultura é de todos (Culture is Ordinary)** 1958. Tradução Maria Elisa Cevasco. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1>. Acessado em 20/07/2020.

Recebido em 12 de abril de 2021.

Aprovado em 31 de maio de 2021.